

Revelando os Quitombos no Sul



Um novo olhar no diálogo e
convivência com as diversas
culturas que compõem o *mosaico*
da agricultura familiar brasileira

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO
Guilherme Cassel

SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL
Humberto Oliveira

DELEGADO FEDERAL DO DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO NO RS
Nilton Pinho de Bem

ARTICULADOR ESTADUAL DA SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL NO RS
Ruben Wiest

ASSESSORA TERRITORIAL ZONA SUL DO ESTADO/RS
Carla Rech

COORDENAÇÃO DA ENTIDADE PARCEIRA DO
PROGRAMA NO TERRITÓRIO - CAPA PELOTAS
Rita Surita

NÚCLEO DIRIGENTE DO COLEGIADO TERRITORIAL
Cinelande Borges Caminha, Cléo de Aquino Ferreira, Clóvis
Roberto Costa Victória Daniel Aquini, Darlene Torrada
Pereira, Ivair de Souza, Jerri Eliano Quevedo, Cássio Luis
Freitas Mota, Rita Surita

APOIO
Colegiado Territorial

Créditos

Texto: Susanne Buchweitz, Daniela Lessa, Carla Rech, Ledeci Coutinho

Revisão: Rita Surita

Pesquisa e resgate da memória histórica: Antônio Soares; Claudio Nunes, Eduardo Medeiros, Ledeci Coutinho, Daniela Lessa, Daniel Soares, Isclair Radtke

Projeto gráfico, editoração eletrônica e tratamento das imagens: Julia Arostegi

Foto de capa: Leonardo Melgarejo

Fotografias: Arquivo CAPA, Leonardo Melgarejo, Duca Lessa, Renan Pinheiro, Arquivo MDA - Paulino Menezes, Fotos CAIXA - Prêmio Melhores Práticas em Gestão Local, Rafael Grigoletti

Equipe técnica e colaboradores: André Luiz Radunz, Antônio Soares, Carla Aldrighi, Carla Rech, Cláudio Nunes, Cleirison Mendes, Clever Neuenfeldt, Daniel Soares, Daniela Lessa, Ecléia Santos, Ediene Ruiz, Eduardo Medeiros, Elias Surita, Ellemar Wojanh, Ernesto Martinez, Fábio Mayer, Guilherme Peglow, Isclair Radtke, Jaqueline Sgarbi, Karin Peglow, Neuza Neuenfeldt, Rocheli Wachholz, Roni Bonow.

Apresentação

AS COMUNIDADES quilombolas sobreviveram à discriminação, injustiças, invisibilidade e abandono do poder público e sociedade ao longo da história, mantendo, mesmo assim, a integridade das suas origens. Com o reconhecimento da diversidade que compõe o mosaico cultural do Brasil, percebe-se que este resiste graças às populações tradicionais. Isoladas ou não, desenvolveram uma cultura peculiar que preserva os costumes dos antepassados.

Depois de um intenso trabalho de visitas e levantamento de dados, foram mapeadas 43 comunidades quilombolas na região sul do Rio Grande do Sul, destas 32 receberam as certidões de autodefinição emitidas pela Fundação Cultural Palmares e quatro estão em vias de recebê-las. A entrega dos documentos significa muito mais do que a comprovação de que existem descendentes de negros escravizados nos municípios pesquisados, mas faz com que toda uma região mude sua autopercepção e reconheça a importante contribuição do povo negro no seu desenvolvimento.

O Centro de Apoio ao Agricultor (CAPA) trabalha com os quilombolas desde 2000. Prestamos assessoria técnica na agricultura, no ensino das primeiras letras

a adultos, na conquista de uma carteira de identidade, na redescoberta das técnicas de artesanato e da música e na incidência em políticas públicas.

A partir do resgate da sua memória histórica e da ocupação de espaços políticos e sociais, os quilombolas da região sul do Rio Grande do Sul vem trabalhando a sua autoestima e percebendo a importância do seu papel como atores na sociedade.

Nossos principais movimentos tem sido escutar e dialogar. Sem registros escritos, a narrativa oral dos quilombolas é memória viva, que buscamos registrar – uma pequena parte – para mostrar a riqueza cultural deste povo.

Começamos com quatro comunidades e fomos descobrindo muitas outras. Em 2008, fomos indicados pelos quilombolas para realizar um levantamento e apoio para o reconhecimento formal das comunidades junto ao programa do Governo Federal – Territórios da Cidadania. Como resultado, foram identificadas 43 comunidades e elaborou-se o Mapa Temático das Comunidades Quilombolas do Território Zonal Sul do Rio Grande do Sul.

Os reflexos deste reconhecimento serão enormes. Além de revelar

uma história diferente, incluindo o povo negro como um agente de mudanças, representa na prática a possibilidade de um grande aporte de recursos do Governo Federal para melhorar a qualidade de vida das famílias. Este é apenas o início de um processo em que sociedade e governo reconhecem e geram instrumentos de resgate da enorme dívida histórica com esta população.

Nas atividades desenvolvidas através do Programa Territórios da Cidadania, contamos com o apoio e parceria da Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário, do INCRA – RS, da Fundação Cultural Palmares, do Colegiado Territorial, de lideranças locais das comunidades quilombolas, gestores e técnicos das prefeituras e técnicos da Emater dos municípios onde se encontram as comunidades.

Este trabalho nos trouxe um novo olhar e uma prática ainda mais inclusiva no diálogo e convivência com tantas e tão diversas culturas que compõem agricultura familiar brasileira.

Rita Surita
Coordenadora CAPA Pelotas,
RS - 2010

Revelando os quilombos no Sul. – Pelotas : Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2010.

64p.

1. Comunidades Quilombolas. 2. Agricultura familiar. 3. Reconhecimento público. 4. Participação social e cidadania. I. Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA). II. Brasil, Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

CDU 631 (816.5=96)



Contato e informações: CAPA Pelotas
Rua Barão de Santa Tecla, 510
CEP: 96010-140
Pelotas - RS
(53) 3272 3930
(53) 3027 1895
www.capa.org.br



Sumário

O jeito de fazer – metodologia	06
Conceitos que deram base ao trabalho	07
Etnosustentabilidade	10
Características de identidade dos “Quilombos no Sul”	10
Introdução	18
Pelotas	21
Comunidade Quilombola do Algodão	21
Comunidade Quilombola Vó Elvira	22
Comunidade Quilombola Alto do Caixão	23
Canguçu	24
Comunidade Quilombola Maçambique	24
Comunidade Quilombola Cerro das Velhas	25
Comunidade Quilombola Cerro da Vigília	26
São Lourenço do Sul	28
Comunidade Quilombola da Picada	28
Comunidade Quilombola Rincão das Almas	29
Comunidade Quilombola Monojolo	30
Comunidade Quilombola Torrão	32
Comunidade Quilombola Coxilha Negra	33
Piratini	34
Comunidade Quilombola Rincão do Quilombo	35
Comunidade Quilombola Faxina	35
Comunidade Quilombola Rincão do Couro	36
São José do Norte	37
Comunidade Quilombola Vila Nova	37
Pedras Altas	38
Comunidade Quilombola Várzea dos Baianos	38
Comunidade Quilombola Solidão	39
Comunidade Quilombola Bolsa do Candiota	40
Aceguá	41
Comunidade Quilombola Tamanduá	41
Comunidade Quilombola Vila da Lata	42
Santana da Boa Vista	43
Comunidade Quilombola Tio Dô	43
Morro Redondo	44
Comunidade Quilombola Vó Ernestina	44
Cristal	45
Comunidade Quilombola Serrinha do Cristal	45
Turuçú	46
Comunidade Quilombola Mutuca	46
Jaguarão	47
Comunidade Quilombola Vila Madeira	47
Arroio do Padre	48
Comunidade Quilombola Vila Progresso	48
Cerrito	49
Comunidade Quilombola Lichiguana	49
Protagonismo e Cidadania nos Quilombos no Sul	50
Texto complementar	58
Valorização da memória oral: “as memórias selvagens”	58



A criação do mapa temático das comunidades quilombolas muda a autopercepção de toda uma região que começa enxergar sua história e realidade de maneira mais realista e inclusiva.

O jeito de fazer - metodologia



É a partir da entrega das certidões de que as comunidades alcançam o reconhecimento público e iniciam sua trajetória rumo à cidadania plena



Foram realizadas visitas a 43 comunidades para a coleta dos dados. Sempre em reuniões ou assembleias onde discutiu-se a autodefinição como comunidade quilombola.

A NECESSIDADE do acompanhamento técnico junto às comunidades de remanescentes quilombolas para encaminhar o processo de reconhecimento público à Fundação Cultural Palmares e ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) surgiu como uma das demandas da política de inclusão social do Programa Territórios da Cidadania do Governo Federal. Entre os objetivos desse reconhecimento estava a ampliação do acesso a políticas públicas.

Na reunião setorial dos quilombos realizada em março de 2008, em Pelotas, decidiu-se que o CAPA faria o trabalho de identificação das comunidades e encaminharia o pedido para o seu reconhecimento. A atividade deveria envolver diversos municípios do Território da Zona Sul do Estado do Rio Grande do Sul, através do Programa Territórios da Cidadania.

O projeto considerou duas grandes frentes: o embasamento teórico da proposta, somado ao detalhamento da experiência da entidade escolhida; e a criação de um instrumento que ajudasse na identificação da trajetória histórica e cultural das comunidades, além do mapeamento da produção

agrícola, das condições de moradia e infraestrutura, escolaridade, a questão agrária e a identificação quantitativa dos membros de cada local.

“Em um primeiro momento, sentamos e discutimos o melhor formato de recolher as informações necessárias”, relata a equipe. O sólido conhecimento da instituição, adquirido por meio da parceria com os quilombolas iniciada em 2000 foi fundamental para a elaboração de um questionário que atendesse os objetivos propostos.

Foram realizadas visitas a 43 comunidades para a coleta dos dados. Sempre em reuniões ou assembleias, discutiu-se, junto com as comunidades, a autodefinição como comunidade quilombola e o pedido de reconhecimento público junto à Fundação Palmares. “Procuramos ter sempre um número grande de participantes nas reuniões, para qualificar as informações”.

As informações coletadas durante as diversas etapas do trabalho incluíram questões como o tempo de existência da comunidade, a história da chegada das primeiras famílias, a cultura local (música, dança, religião, artesanato), histórias, localização de documentos, a compreensão do termo quilombo, produção

agrícola, materiais usados para a confecção das casas, entre diversas outras.

A valorização da memória oral e o resgate das histórias, lembranças, costumes e marcos históricos próprios de cada comunidade é um dos princípios fundamentais na metodologia utilizada e no processo de reconhecimento público. Ao final da revista, por sua relevância, detalhamos melhor este assunto em entrevista de Reinaldo Martiniano Marques, professor da UFMG.



O processo foi permeado por reuniões de planejamento, monitoria e avaliação constantes, corrigindo rumos e redirecionando os passos metodológicos para alcançar os objetivos.

Conceitos que deram base ao trabalho

O CENTRO DE APOIO ao Pequeno Agricultor utilizou os seguintes conceitos ao desenvolver a estratégia para preparar o processo de reconhecimento público das comunidades quilombolas:

QUILOMBO

União contra o desrespeito

O conceito de “quilombo” aparece nos diferentes períodos da história, com diferentes interpretações. Na atualidade, quilombo representa a junção de forças em favor de uma causa – que pode ser distante em sua cronologia, mas recente em seu ideal. Ou seja, “a construção de uma autoconsciência

e de uma identidade coletiva contra uma ação de desrespeito (em geral produzida pelo estado nacional), com vistas ao reconhecimento e à construção de objetivos coletivos.” De acordo com José Maurício Arruti (2005), “trata-se do conceito de etnogênese como oposição ao etnocídio dos diversos grupos étnicos que compõem o todo”.

Camisa de força geográfica

Ainda, Luiz Fernando do Rosário Linhares (2009) diz que o conceito de quilombo não se refere apenas a um local geograficamente definido, historicamente “documentado” e arqueologicamente “escavado”. “Ele designa um processo de trabalho autônomo, livre da submissão dos grandes proprietários. Neste

sentido, não importa se está isolado ou próximo das casas grandes. Há uma transição econômica do escravo ao camponês livre. Este talvez seja o elemento mais controverso e que dificulte aos historiadores tradicionais entender a essência do significado de quilombo.

“Alguns historiadores sempre querem colocá-lo numa camisa de força geográfica”, escreve Linhares (2009), “como se fora sempre isolado, longínquo, distante dos mercados e produzindo para subsistência. Ao contrário, aqui se tem uma afirmação econômica de produzir

para o mercado, de a ele se ligar e de reverter domínios fundiários reconhecidos pela Lei de Terras de 1850, devido ao fato de os grandes proprietários perderem, circunstancialmente, o poder e buscarem um acordo verbal, prometendo alforria e terra, ante a incapacidade de promoverem os recursos para a escravaria se alimentar e produzir.”

Acampamento guerreiro

Para com Ilka Boaventura Leite (1999), “quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos que vem sendo modificado

através dos séculos” (...). Quer dizer acampamento guerreiro na floresta”, sendo entendido em Angola como divisão administrativa” (...). Indica, também, uma reação guerreira a uma situação opressiva. (...)”.

Ainda: O conceito quilombola extravasa os limites até então recebidos para designar um local geográfico ou forma de vida. Atualmente o termo traduz a identidade de um povo que por muito tempo lhes foi roubada, pois “o quilombo faz da terra a metáfora para pensar o grupo e não ao contrário”.

RESISTÊNCIA

Realidade jurídica e econômica

Para que o trabalho do escravo fosse o sustentáculo do desenvolvimento econômico e social da colônia, fazia-se necessário fundamentar esta idéia através da jurisprudência do Império e da Colônia, onde havia pesadas leis para que o homem escravizado tornasse objetiva e subjetivamente em escravo - “ser escravo” era uma realidade jurídica, sua essência se define, porém, a nível econômico produtivo”, diz Mario Maestri (1984). Isso acontecia através do

controle do senhor ou pelo Estado na vida espiritual, social e produtiva dos escravos.

As formas da luta

Os escravos resistiam à escravidão cotidianamente e de diferentes níveis de manifestação, seja através de atos isolados e ou coletivos, previsíveis ou não. A todo acontecimento passível de conspiração estava presente a luta do escravo africano. Aproveitavam toda e qualquer fragilidade do aparato repressivo, como as crises políticas, as guerras, revoluções, mudanças no mercado de produtos.

As manifestações de resistência eram das mais diversas formas. Os escravos usavam a negação ao trabalho, a insurreição, a fuga de um senhor para o outro, o justicamento, o suicídio, a fuga para áreas distantes e ou de difícil acesso. Os quilombos, assim como a periferia das grandes povoações da Província, serviam como refúgio.

Contradição ao modelo de sociedade

A fuga de um escravo, além de ser um grande prejuízo ao senhor, revelava principalmente a reação contra a condição

de escravo. Como afirma Mario Maestri (1984), “a fuga podia dar origem a uma forma de resistência grupal à escravatura e à sociedade oficial. Quando os escravos

fugiam e se reagrupavam em um quilombo, pequeno ou grande, criava-se um verdadeiro pólo em contradição com o mundo escravista”.

IDENTIDADE

Base da resistência

Conforme Lilia Moritz Schwarcz (2002), a identidade serve como base de resistência de grupos, sendo um conceito unificador de partes, contendo o particular do indivíduo como também as particularidades de sua cultura comunitária

Raça como identidade social

Muitas vezes a identidade aparece como sinônimo

de raça. No entanto, é preciso esclarecer que para alguns teóricos, “raça” limitava-se a aspectos de cor, religião, vestuário, ou seja, categoria cultural e o político, e não construída a partir das diferenças, ou seja, um fator social.

Ilka Boaventura Leite (1999) contrapõe essa idéia ao afirmar que “o que era identificado como sendo negro referia-se e, mais do que isto, englobava a experiência histórica dos africanos e seus descendentes, tratados nos séculos anteriores

como sujeitos ahistóricos, negados em sua condição de humanidade durante o regime escravista. Como e enquanto uma expressão da identidade grupal, o termo vai reunindo em seu percurso tudo aquilo que advém de tal experiência, ou seja, elementos de inclusão que mantém o grupo unido em estratégias de solidariedade e reciprocidade,(...) sua força simbólica demonstrada no seu persistente poder aglutinador , tornando-o, inclusive, expressão de uma identidade social”.

Referências Bibliográficas

ARRUTI, José Maurício. Etnogêneses Indígenas. Povos Indígenas no Brasil, 2001/2005, Instituto Socioambiental, p. 50-54.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização. Horizontes Antropológicos/UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 1, n. 1 (1995). Porto Alegre: PAPGAS, 1999.

LINHARES, Luis Fernando do Rosário. Comunidade negra rural: um velho tema, uma nova discussão. Disponível em: <http://www.nead.org.br/artigodomes>. Acessado em: 3/3/2009.

MAESTRI, Mário. O escravo no Rio Grande do Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho. Ed. Universidade de Caxias do Sul, 1984.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. A longa viagem da Biblioteca dos Reis. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

O que é o Programa “Territórios da Cidadania”

O TERRITÓRIOS DA Cidadania é um programa do Governo Federal que visa a redução das desigualdades sociais, a superação da pobreza rural e a promoção de um desenvolvimento harmonioso

e sustentável. Para isso conta com a articulação de políticas públicas e a atuação protagonista das diferentes organizações e segmentos representativos existentes nos territórios.

Etnosustentabilidade

O CENTRO DE APOIO ao Pequeno Agricultor – CAPA, vem adotando o conceito de etnosustentabilidade. Compreende que cada comunidade tem um perfil específico e deve ser valorizada como verdadeira protagonista

na construção de modelos de desenvolvimento alternativos. Apostando que a diversidade – não apenas biológica, mas também cultural, étnica e religiosa – é decisiva para a manutenção da vida. Sem diversidade é impossível construir independência e

autonomia. Significa levar em conta a maneira com a qual as comunidades lidam com a realidade: sua língua, suas histórias, sua religiosidade, crenças, tecnologia, relações de poder, entre outros.

Características de identidade dos “Quilombos no Sul”



Casas de barro e cercas tradicionais - traços característicos das comunidades quilombolas que se repetem de norte a sul do Brasil, também encontradas nos quilombos no Sul.





A partir da cultura e dos conhecimentos tradicionais é possível estabelecer bases para um desenvolvimento sustentável, que no caso dos quilombos no Sul se expressa pela agricultura de produção de alimentos e do artesanato étnico.



O gaúcho do pampa também se expressa nos quilombos





*Democracia e participação.
Documentação, cidadania
e inclusão social*



*Etnosustentabilidade engloba
arte, cultura e memória
histórica*





Terno de Reis: tradição e cultura vivas



Pão na pedra e forno de barro: costumes e culinária tradicional



Integração com a natureza: biodiversidade preservada nos quintais



PEQUENAS HISTÓRIAS

Terra por um pratinho de comida

A LEMBRANÇA é de “terra grande”, trocada aos poucos por caixas de rapadura, comida ou cavalos. “A maioria destas

terras era de negros! sim, a maioria destas terras era de negros... aí foi tomando conta, foi chegando estes grandes e

o pessoal era muito bobo e acabou trocando a terra por um pratinho de comida... todo mundo era pobre...”

Introdução

A ENTRADA DOS primeiros negros escravizados no Rio Grande do Sul aconteceu a partir de 1700. Nessa época, as cidades de Pelotas e Rio Pardo começavam a se destacar como importantes centros charqueadores. Até o ano de 1780, a maioria da população escrava trabalhava nas fazendas que tinham uma produção agrícola. Com o crescimento da indústria saladeril e por ocasião do surgimento da primeira charqueada em Pelotas, os escravos passaram a ser “utilizados” em grande escala.

As charqueadas começaram de maneira improvisada. Depois da retomada do Rio Grande pelos portugueses dos espanhóis, a produção da carne-seca assumiu um caráter mais industrial.

As condições de vida e de trabalho nas charqueadas não atraíam nenhum trabalhador livre. A grande produção e as longas horas de trabalho faziam que, nos quadros da economia colonial, o escravo fosse a solução para se obter mão-de-obra. A violência e a imposição disciplinar garantiram o trabalho.

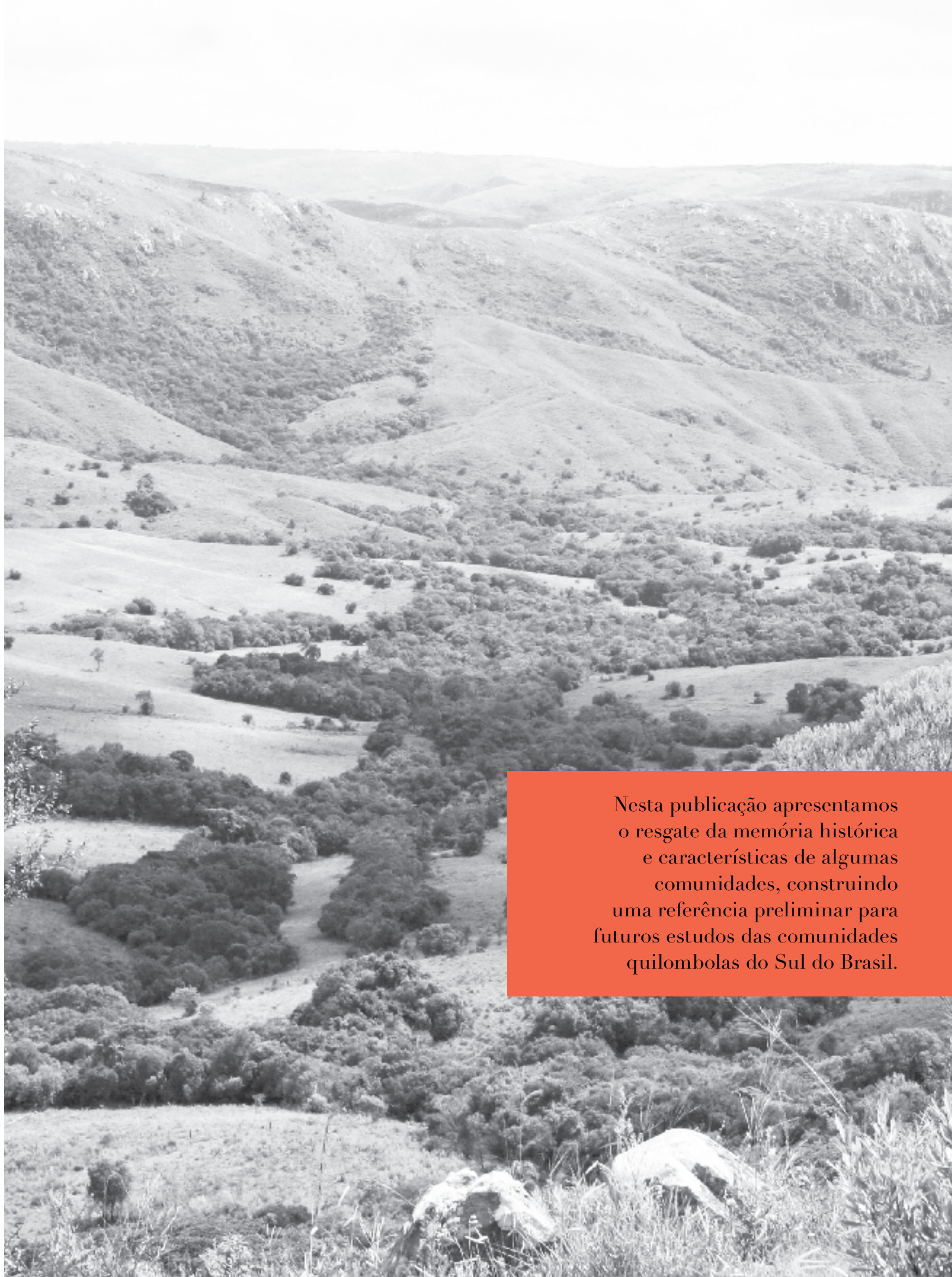
As fugas individuais ou coletivas eram a forma mais comum e característica de resistência. O centro do núcleo charqueador pelotense, formado pelos matos na Serra dos Tapes, o Arroio Quilombo, o Passo dos Negros, abrigava um grande número de fugitivos.

A característica do isolamento

permaneceu na atualidade, resultando em uma grande invisibilidade social, isolamento político e déficit em desenvolvimento e acesso a políticas públicas.

Ciente disso, em 2008, o Colegiado Territorial do Programa “Territórios da Cidadania” – Território Zona Sul do Estado/RS escolheu como foco prioritário de sua ação a identificação e reconhecimento das comunidades quilombolas como estratégias de desenvolvimento com igualdade e inclusão social. O CAPA foi indicado pelos quilombolas para prestar acompanhamento técnico e apoio para encaminhamento da documentação aos órgãos competentes.

O resultado é demonstrado aqui. No total, foram visitadas 43 comunidades para a realização de um diagnóstico abrangente compondo o mapa temático. Dessas, 32 já receberam seus certificados da Fundação Palmares, garantindo o acesso a políticas públicas e, mais do que isso, garantindo um espaço para os quilombolas na composição da sociedade e economia local.



Nesta publicação apresentamos o resgate da memória histórica e características de algumas comunidades, construindo uma referência preliminar para futuros estudos das comunidades quilombolas do Sul do Brasil.

Relação das comunidades quilombolas identificadas

COMUNIDADES QUILOMBOLAS	MUNICÍPIO
01 Tamanduá	Aceguá
02 Vila da Lata	
03 Quilombo do Candiota	Candiota
04 Armada	Canguçu
05 Estância da Figueira	
06 Cerro das Velhas	
07 Maçambique	
08 Manoel do Rego	
09 Iguatemi	
10 Favila	
11 Passo do Lourenço	Cristal
12 Cerro da Vigília*	
13 Potreiro Grande	Morro Redondo
14 Serrinha do Cristal	
15 Vó Ernestina	Pedras Altas
16 Várzea dos Baianos	
17 Solidão	
18 Bolsa do Candiota	
19 Algodão	
20 Vó Elvira	
21 Pelotinha*	
22 Alto do Caixão	Pelotas
23 Santa Maria*	
24 Cascata*	
25 Rincão do Quilombo	
26 Faxina*	Piratini
27 Rincão do Couro*	
28 Fazenda da Cachoeira	
29 Tio Dô	Santana da Boa Vista
30 Picada	São Lourenço do Sul
31 Boqueirão*	
32 Rincão das Almas	
33 Monjolo	
34 Torrão	
35 Coxilha Negra	
36 Mutuca	
37 Vila Quintinha*	Turuçú
38 Petrolina*	
39 Vila Nova*	Rio Grande
40 Bojuru*	
41 Vila Progresso	São José do Norte
42 Madeira	
43 Lichiguana	

* Comunidades sem certidão da Fundação Cultural Palmares

Pelotas

6 comunidades: Algodão, Vó Elvira, Alto do Caixão, Pelotinha, Santa Maria e Cascata

Comunidade Quilombola do Algodão

Localizado no 4º distrito, na Colônia São Francisco, município de Pelotas (RS), é composto por 70 famílias que ocupam uma área de 37,5 hectares.

FALTA DE ACESSO A BENEFÍCIOS DIFICULTA AVANÇOS

Os moradores do Quilombo do Algodão sobrevivem da agricultura de subsistência, cultivando e criando animais para o consumo próprio e, no caso de excedentes, vendendo-os aos armazéns próximos. Muitos trabalham temporariamente nas lavouras dos vizinhos para aumentar a renda familiar.

Cestos e quipes de taquara e cipó feitos artesanalmente são

utilizados para a agricultura. A água usada nas famílias provém de cacimbas e poços. Todas as famílias têm energia elétrica, fruto de uma luta da Associação dos Moradores Quilombolas junto ao órgão público estadual responsável pela execução do Programa Luz para Todos do Governo Federal.

Ao analisar as condições atuais de sobrevivência, percebe-se que a situação dos quilombolas não mudou: a única possibilidade de trabalho é na lavoura dos vizinhos – ou viver como agregados em terras que não são suas.



Comunidade Quilombola Vó Elvira

Localizado em Monte Bonito, 9º distrito de Pelotas (RS), o Quilombo Vó Elvira é constituído por mais de 20 famílias que vivem em uma área de cinco hectares.



Comunidade Quilombola com Vó Elvira sentada ao centro

É PRECISO RESGATAR AS PRÁTICAS ARTESANAIS

A comunidade quilombola Vó Elvira recebe este nome em homenagem à dona Elvira Lima Soares, a primeira moradora da localidade. De acordo com o depoimento do seu filho, João Francisco Fonseca de Matos, a comunidade tem cerca de 120 anos. Os antepassados originais chamavam-se Marcolina e Ambrósio e morreram com mais de 100 anos, tendo deixado descendentes que não vivem mais ali. Por outro lado, dona Loiva Ribeiro Fonseca contou que muitas pessoas que nasceram na localidade permanecem até hoje.

Outras famílias, que preservam os sobrenomes Soares, Silveira, Freitas, Silva, vieram de municípios próximos, como Arroio do Padre, Canguçu, Piratini e Cruz Alta, em busca de melhores condições de vida.

A comunidade perdeu quase todas as suas manifestações culturais tradicionais. Algumas famílias preservam a prática de artesanato, como produção de cestarias, tricôs, crochês. As atuais manifestações religiosas são diversificadas, contando com a presença principalmente das igrejas católica, luterana e neopentecostais.

Comunidade Quilombola Alto do Caixão

A comunidade está localizada no 7º distrito do município de Pelotas (RS), constituída por 26 famílias que vivem em lotes de 1 a 2 hectares.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA TRAZ FORÇA À COMUNIDADE

De acordo com Pedro Vieira Filho, a comunidade quilombola do Alto do Caixão tem mais de 100 anos, originada com a vinda do casal de sobrenome Freitas. Ademir Freitas lembra que seu bisavô integrava o corpo de Lanceiros Negros e ganhou terras em Canguçu em função da sua participação na Guerra dos Farrapos. As terras acabaram sendo perdidas para fazendeiros em troca de comida.

A maioria dos moradores que compõe a comunidade descende das famílias Nogueira, Freitas e Madruga, identificando-se como remanescentes destes que eram escravos em outras regiões. Posteriormente, ocuparam a localidade denominada Santa Maria, próxima a atual área do quilombo, composta de terras desprezadas e sem dono no alto

das pedras.

Com o tempo, foram sendo empurrados pela falta de terras e de trabalho. Muitos possuem o termo de posse do seu lote desde 1977, momento no qual começaram a se reunir. As reuniões acontecem na antiga Escola Municipal, onde hoje reside a família de Edegar Nogueira.

Nos lotes de um e dois hectares são plantados abóbora, feijão, milho, hortaliças, batata doce e frutas, e criados porcos, galinhas, patos, marrecos e perus. As atividades são individuais, mas uma horta comunitária está em processo de formação, fruto da organização da associação comunitária. Muitas pessoas trabalham fora, como empregadas. Algumas acessam o programa Bolsa Família, outras perderam o benefício, o que está sendo solucionado pela associação.



Documentos e registros fotográficos preservados pela comunidade Alto do Caixão



PEQUENAS HISTÓRIAS

Tudo naquele cemiterinho...

EXISTE NO QUILOMBO DO Algodão um vestígio histórico importante que é a presença de um antigo cemitério. Nas entrevistas realizadas com os mais velhos fica evidente que o local representa um marco de aproximação das comunidades. Ao serem perguntados sobre a construção de um centro comunitário, os moradores foram unânimes em afirmar que deveria ser ao lado do cemitério, pois ali estava a sua reafirmação identitária: é no Cemitério dos Negros que plantam suas raízes e deixam marcas de sua

presença na localidade.

Dona Eva Nunes Lacerda, que durante muitos anos partejou o nascimento das crianças, conta que *“todos são enterrados ali. Têm muitos que quando eles moravam longe, assim como em Pelotas! Moravam em São Lourenço do Sul, Canguçu, aqueles ficam por lá, mas daqui da volta todos são enterrados ali... Desde que eu moro aqui, os meus pais moravam bem pertinho, eles tão enterrados ali, pai, mãe, avô, bisavô. Tá tudo ali naquele cemiterinho, irmão, fio, marido, tio... tudo ali.”*



Canguçu

10 comunidades: Estância da Figueira, Cerro das Velhas, Maçambique, Armada, Manoel do Rego, Iguatemi, Favila, Passo do Lourenço, Potreiro Grande e Cerro da Vigília

Comunidade Quilombola Maçambique

Localização 3º(distrito), 65 famílias, que moram em 10 hectares de terra espalhados na localidade.

DEVOÇÃO AO ESCRAVO FUGIDO

“O povo é muito devoto por causa deste nome de Maçambique... por causa dos anos que faz que ele tá aí”, contou dona Florícia Soares de Oliveira, em entrevista anterior ao seu falecimento (alcançou os 96 anos). A comunidade recebeu o nome desse escravo fugido. No local onde ele estaria enterrado existe uma grande pedra, um pé da flor chamada “grinalda de noiva” e uma cruz fincada no chão. Os moradores negros dos arredores acendem velas ao pé da cruz, fazendo promessas ao antepassado comum.

O local de sepultamento de Maçambique é apenas uma das várias referências a antepassados escravos que se estabeleceram no local. A própria Dona Florícia referiu que, com certeza, um dos bisavós paternos, conhecido como vovô Fagundes, foi escravo.

As famílias encontram-se espalhadas em vários “corredores”

e próximas de estradas e nem todas residem em terras próprias. As residências até bem pouco tempo eram de barreado, mas foram substituídas por casas de alvenaria, através de financiamento da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). O requisito de que as antigas casas de barreado fossem destruídas para o controle do “barbeiro” (causador da doença de chagas) comprometeu a preservação de um patrimônio etnocultural de significativa importância para a caracterização do grupo.

A agropecuária de subsistência é o principal meio de vida. A comunidade utiliza suas terras de forma individual, plantando feijão e milho para o consumo e venda, e abóbora, batata doce, amendoim, arroz de sequeiro e hortaliças apenas para o consumo. Também criam galinhas, porcos e ovelhas, e têm cavalos para a lavoura e transporte. O trabalho como diaristas para agricultores da região e a aposentadoria são outras fontes significativas de renda.

Comunidade Quilombola Cerro das Velhas

O quilombo Cerro das Velhas está localizada no 5º distrito, na localidade da Armada, no município de Canguçu (RS), agrupando 22 famílias em uma área de 92 hectares.

DOAÇÃO DE TERRAS DEU ORIGEM À COMUNIDADE

Duas velhinhas que, por não deixarem herdeiros, doaram suas terras a seus antigos escravos deram origem ao nome Cerro das Velhas. De acordo com o depoimento de Sedeny Coitinho, elas estão enterradas no cemitério local, que existe até hoje – sendo um vestígio histórico importante de referência para a comunidade.

Cenívia Ribeiro Mendes refere que as avós materna e paterna passaram pelo cativo (Dona Isméria Peixoto, a avó materna, teria falecido com 115 anos, quando Cenívia tinha 12 anos) e serviram as duas senhoras: “minha avó contava que nesse tempo elas reuniam todo a negrada assim pra rezar, eram muito devotas. Diz que uma delas era muito carrasca, a outra não. Eram duas.” Como era costume, muitas famílias de escravos e

ex-escravos adotaram o mesmo sobrenome das duas senhoras.

Em termos de produção, a prática é a agricultura de subsistência, com o cultivo do milho, feijão, mandioca, batata doce e inglesa, melancia e amendoim. No entanto, algumas famílias plantam acácias e fumo para indústrias fumageiras e de produção de celulose. A pecuária é de criação de animais como: vacas, galinhas e porcos. Na agricultura, são usados cavalos para arar a terra.

Ainda é possível encontrar algumas casas de construção de barro e capim santa-fé, usadas para armazenamento de produtos e abrigo dos animais. A maioria das habitações é de alvenaria e madeira. A água usada pelos moradores provém de cacimbas sem encanamento. Quase todas as famílias possuem energia elétrica.



Túmulo de Maçambique – ancestral que dá nome à comunidade



PEQUENAS HISTÓRIAS

Herança é combinada na palavra

OS DEPOIMENTOS colhidos no Quilombo Monjolo mostram que as áreas onde moram as famílias são formadas por várias “posses”, transmitidas

de geração em geração dentro de “troncos” familiares. Por ocasião do falecimento de um familiar, raramente se recorre a inventário: os herdeiros, que

são definidos segundo critérios estipulados pelo grupo, decidem entre si o pedaço que cada um ocupará. Simples assim.

Quilombo Cerro da Vigília

A comunidade quilombola Cerro da Vigília está situada na localidade de Boa Vista, 3º distrito do município de Canguçu RS. Vivem ali 34 famílias em 100 hectares de terra.



“QUILOMBO É UM GRUPO DE MORENOS”

“Um grupo de morenos, descendentes de escravos”: é assim que os moradores do Cerro da Vigília definem um quilombo. A formação da comunidade se deu com a vinda de famílias do quilombo Maçambique, situado a poucos quilômetros. Alceu Delgado Meireles confirma que um dos seus avôs era daquela comunidade. “Ele foi para o Uruguai e voltou por causa da guerra lá.” O bisavô de seu Meireles, supostamente de origem uruguaia, teria imigrado ao Brasil em busca de terra para trabalhar.

Para sobreviver, os quilombolas praticam a agricultura e criam animais domésticos. Plantam feijão, milho, batata doce, mandioca, abóbora e verduras para o próprio consumo e vendem o excedente. Também plantam fumo, o que lhes rende um ganho extra.

A atividade produtiva é desenvolvida de forma individualizada, em terras próprias ou através de arrendamento. Alguns moradores plantam em terra de terceiros e a forma de pagamento é feita com parte da produção, por meio do que se chama “meação” ou

“terça”.

As oportunidades de trabalho não aparecem com frequência: alguns são diaristas em épocas de safra, nas propriedades à volta. As gerações anteriores passaram muita dificuldade, pois como as famílias muito grandes não havia sustento para todos. A situação não melhorou: os jovens são obrigados a buscar trabalho fora da comunidade ou buscar formação educacional nas cidades para tentar outro modo de vida. Não há terra suficiente para que todos vivam da agricultura, sendo este um dos principais fatores de infortúnio daqueles que vivem na comunidade.

“Não temos artesanato aqui”, disseram os moradores. Apenas um ainda sabe tecer balaios. A prática da tecelagem com lã de ovelha é conhecida mas pouco praticada, por falta de equipamento apropriado para fiar e para tecer.

As casas são feitas de alvenaria e de madeira. A água para uso doméstico vem de poços ou cacimbas abertos pelos próprios moradores. Todas as casas têm energia elétrica. O posto de saúde, que fica próximo, sedia os encontros sociais ou políticos do grupo.



PEQUENAS HISTÓRIAS

Lugares altos para vigiar capitães do mato

A MAIORIA DOS QUILOMBOS foi criada em lugares altos para vigiar a chegada de capitães do mato. O Cerro da Vigília é uma elevação topográfica

que, em tempos de revolução no final do século XIX e início do século XX, também era útil na observação do movimento de tropas inimigas. A ótima

visibilidade sobre a região justifica o nome do quilombo e da localidade Boa Vista, onde está situado.

São Lourenço do Sul

6 comunidades: Picada, Rincão das Almas, Monjolo, Torrão e Coxilha Negra, Boqueirão

Comunidade Quilombola da Picada

A comunidade quilombola Picada fica 3º distrito de São Lourenço do Sul (RS), na localidade de Santa Tereza. É composta por 17 famílias, que dividem uma área de 55 hectares.



JOVENS SAEM PARA BUSCAR TRABALHO

“Os negros foram vindo que dava para viver aqui e foram chegando... e ficando né. Acabaram se tornando tudo parentes e trabalhando na terra juntos...”, lembrou Maria Gessi Ferreira Ribeiro. Os moradores, no entanto, não têm documentos de propriedade de 48 hectares. Eles afirmam que os documentos existiam e que, deixados ao cuidado de outras pessoas, foram perdidos. “Assombração aparece, procurando as terras que perderam”, contam.

Nesta comunidade, o conceito de quilombo está muito bem definido. O fato de os moradores se reconhecerem e serem reconhecidos como remanescentes de escravos fugidos significa resgatar a luta dos antepassados pela terra, assim como preservar a mesma idéia entre a geração

futura – como um fator de preservação do seu patrimônio cultural. Muitos jovens saem para trabalhar nas cidades, para sobreviver – uma vez que o espaço é extremamente pequeno.

A celebração do Terno de Reis está na memória de todos, mas não é mais realizada. A confecção de artesanato, incluindo balaios de cipó, gamelas e pilões de madeira, também se perdeu. Só os mais velhos ainda fazem balaios de taquara e relhos de couro, utilizando antigas técnicas.

As residências, que eram de barro e cobertas com capim santa-fé, agora são feitas de alvenaria. Alguns moradores têm luz, mas para aqueles que vivem como posseiros ou arrendatários não é permitida a instalação elétrica pelo proprietário das terras. As crianças freqüentam a escola, mas esta funciona somente até a 8ª série do ensino fundamental.

Depois, ficam em casa auxiliando os pais.

Em época de safra, muitas famílias trabalham nas terras de agricultores. A maioria é

beneficiária do programa Bolsa família, mas mesmo assim passa necessidades pelo pouco espaço para a produção de alimentos – destinada para sua subsistência.

Comunidade Quilombola Rincão das Almas

O Rincão das Almas está localizado no 5º distrito do Município de São Lourenço do Sul (RS), composto por 70 famílias. Ocupa uma extensão de 50 hectares de terra.

TROCA DE NOME É FORMA DE TERRITORIALIDADE

Rincão dos Negros que virou Rincão dos Negros Forros que virou Rincão das Almas: os antigos contam sobre o processo de troca de nome do local, considerada uma maneira de se formar uma territorialidade negra. A terra “foi doada pros Pereira, isso nunca teve inventário, porque toda essa gente era Pereira.

Então quando findo esta guerra – Revolução né? Primeiro foi no Boqueirão. Tu sabe que mataram no Boqueirão. Aí, findo a guerra, deram isso aqui pros Pereira. Não tem outro nome aqui a não ser Pereira, mas depois foi entrando outros. Se misturando e os Pereira findaram”, relata Guilherme Rodrigues de Rodrigues, morador da localidade há mais de 50 anos.

A história oficial confirma a informação: o quilombo surgiu depois da batalha na atual Vila do Boqueirão, durante a Revolução Farrroupilha (1835-1845). O

episódio é famoso: a vitória foi das tropas dos farrapos de Manoel Lucas de Oliveira sobre o exército militar de Francisco Pedro de Abreu. A crença é que exista um documento – ou mapa – onde consta a quantidade de terras pertencentes aos antepassados. De acordo com seu Guilherme, este documento foi entregue a outro antigo morador colono, chamado Darci Rosa, já falecido, que deveria encaminhá-lo à Brasília.

Conta seu Guilherme: “Estava eu e o Ozébio Centeno, que vive em São Lourenço do Sul, quando chegou o falecido João Pereira numa eguinha picassa e o o Quirino Pereira numa lubuna. Levaram os papel pro Darci Rosa, o papel, que era desse tamanho! o mapa do Rincão. Não é a medição, o mapa é a quantia de terra que pertencia ao Rincão, mil e 501 braça e um palmo de terra. Isso eu me lembro sempre porque eu falo sempre isso. Eu não sou daqui mas deu a causa que eu cheguei bem na hora, que



eles entregaram o papel pro Darci Rosa”.

A formação da comunidade é muito antiga, com vestígios da presença dos indígenas Guaranis. “De vez em quando a gente tava cavando nas lavouras e achava umas urnas, potes de cerâmica com pinturas parecidas com aquelas dos índios de antigamente...”, diz Eva

Maria Soares Furtado Mourão, descendente de indígenas. A marca do grupo é a construção coletiva das suas ações, amparada na descendência ancestral dos indígenas escravos ou dos negros alforriados, que por muito tempo permaneceram unidos no uso da terra. O processo atual retoma a característica de trabalho comunitário, com o surgimento de associações.

Comunidade Quilombola Monjolo

O quilombo Monjolo está localizado em Campos Quevedos, 7º distrito do município de São Lourenço do Sul (RS), agregando 25 famílias em uma área de 30 hectares.

MÃO DE PILÃO PARA SOCAR CANJICA

Uma estufa para a produção de mudas de hortaliças, cultivadas e distribuídas para plantio das famílias, é uma das vitórias dos moradores no Monjolo. Das 25 famílias, 17 participam ativamente nas ações comunitárias, nos mutirões e nos grupos de trabalho quando há excedentes na produção ou algum vizinho precisa de ajuda. Conscientes da sua descendência de escravos fugidos, os moradores também decidiram coletivamente adotar o nome atual do quilombo – ao invés do antigo, Serrinha. “O moinho que tinha aqui pertinho era construído com mão de pilão pra socar canjica – ou seja, monjolo”, contaram. A expressão se identifica mais com as origens africanas.

A memória do surgimento do quilombo vai até 150 anos para trás: leva em conta o nascimento da avó de Ireno Ribeiro, dona Felicidade Rodrigues de Quevedo, que chegou como agregada e posteriormente casou-se com Idaulino Ribeiro, fugido de cativo no município de Canguçu. Também existem relatos da vinda de outras famílias que possuem troncos comuns com seus antepassados.

Além da referência a escravos fugidos, é possível que o local tenha sido constituído a partir da ocupação de escravos alforriados: Felicidade Rodrigues de Quevedo aparece como uma ancestral comum quando se procede a reconstituição das genealogias.

Artesanato: forma de resistência e geração de renda

A TÉCNICA ARTESANAL está sendo recuperada aos poucos. Junto com o CAPA, foi criada a marca “Artesanato Quilombola”, que tem uma etiqueta própria. Sua produção e comercialização reforçam os valores e princípios do mercado justo e comércio solidário, transformando-se em uma fonte alternativa de renda.

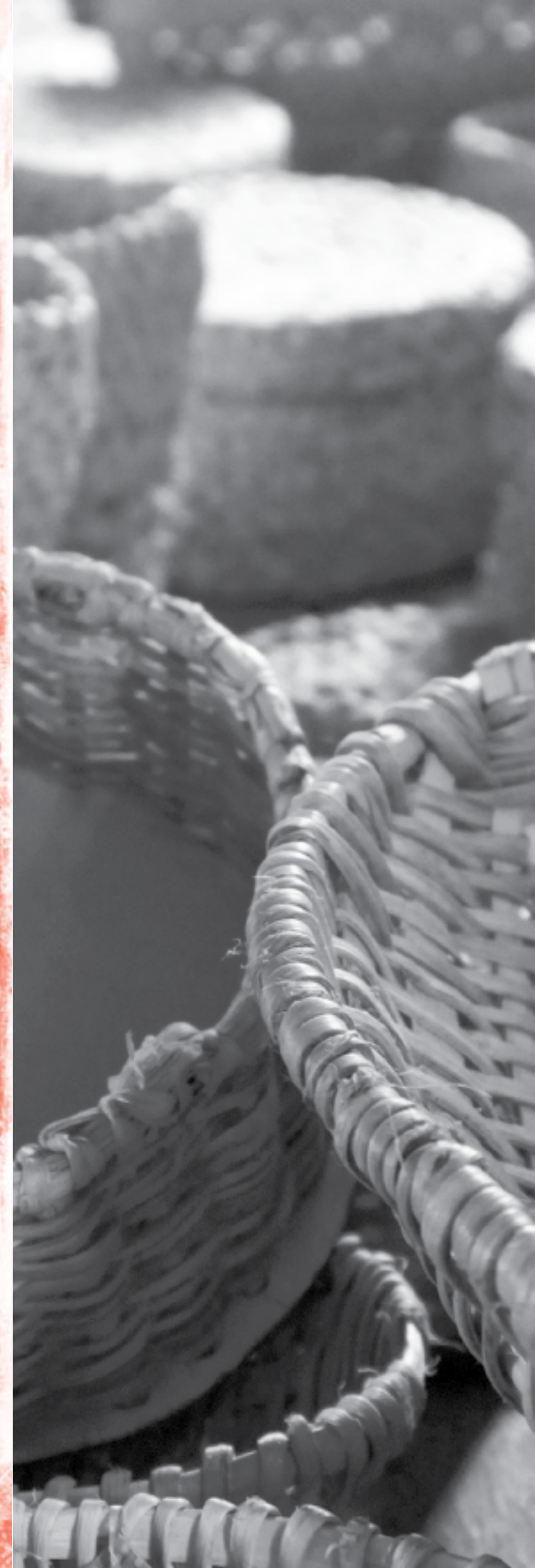
Cestas, peças de madeira e de lã estão entre os produtos confeccionados. As técnicas são dos tempos antigos, que eram repassadas de geração em geração. A memória dos mais velhos permite a recuperação do “jeito de fazer”.

Os quilombolas retiram, transformam, cultivam e produzem o que necessitam no convívio harmônico com a natureza. Além do trabalho tradicional com a palha de milho, cipó, madeira, os quilombolas perceberam novas oportunidades e potencialidades: sem descuidar das próprias referências, passaram a

trabalhar com materiais recicláveis, incluindo nas suas matérias primas retalhos de tecido, tecido de algodão e o plástico.

Juntar o passado e o presente é um dos grandes desafios da preservação dos saberes. Para isso, é preciso apoiar a troca de experiências, de contatos entre diferentes comunidades, respeitar os desejos criativos dos artesãos – fortalecendo a continuidade dessa prática cultural.

Além do trabalho tradicional com a palha de milho, cipó, madeira, os quilombolas usam materiais recicláveis como matéria prima, entre os quais retalhos de tecido e plástico.



Comunidade Quilombola do Torrão

A comunidade quilombola Vila Torrão está localizada no Canta Galo, 7º distrito do Município de São Lourenço do Sul (RS), composta por 19 famílias que vivem em uma área de sete hectares.

CONSCIÊNCIA POLÍTICA ESTÁ AUMENTANDO

Em uma pequena área de sete hectares, os moradores do Torrão lutam para sobreviver, utilizando um 1/4 da propriedade para agricultura de subsistência. Plantam batatas, milho, feijão, hortaliças e algumas árvores frutíferas e possuem alguns cabritos, porcos e galinhas. Pelas dificuldades de sobrevivência, muitos jovens saem para trabalhar como diaristas nas lavouras dos colonos vizinhos, principalmente nos períodos de safra de fumo.

O processo de organização política é forte. As discussões são coletivas e as principais decisões são tomadas em conjunto - numa sede diminuta, onde também acontecem festas e encontros.

O nome Torrão – ou Vila Torrão – surgiu em função das casas feitas de barro e cobertas de capim santa fé, técnica preservada como uma questão cultural, utilizada na construção de galpões. Alguns afirmam também que o nome se originou do fato dos moradores serem todos negros, onde transparece o preconceito sofrido ainda hoje. Maria Luiza Soares, a dona Nena, lembra que seus avós contavam sobre uma fuga de escravos que resultou na formação da Vila do Torrão e de

vários outros quilombos em São Lourenço. “Eu sei que fugiu um lote do município de Canguçu, cá onde tinha os escravos. A minha vó tinha um buraco assim eles botavam o cadeado, que pecado! Acho que fugiram uns doze, treze ou mais ou menos, fugiram”.

Muitos hábitos, costumes e manifestações culturais típicas estão em processo de extinção. O Terno de Reis, no entanto, continua a ser celebrado, com a adoção de características próprias. É quando a comunidade compartilha e festeja com seus vizinhos, cantando de casa em casa, anunciando a história do nascimento de Jesus.

A produção de artesanato está preservada e é uma das formas de geração de renda. Os balaies, quipes e peneiras são trançados do mesmo jeito dos antepassados.

O preconceito continua muito presente. Trabalho, educação e atendimento à saúde muitas vezes são negados. Os quilombolas do Torrão tem se organizado e trabalhado por seus direitos e o acesso a recursos públicos. Por isso, hoje têm energia elétrica e pequenas casas de alvenaria. No entanto, muito ainda precisa ser feito para que estas famílias tenham cidadania plena.

Comunidade Quilombola Coxilha Negra

Coxilha Negra está localizada no 6º distrito do município de São Lourenço do Sul agregando 30 famílias em 55 hectares de terra, sendo 30 hectares com títulos.

TRAMA DOS CESTOS É HERANÇA CULTURAL

Assim como outras comunidades, a origem de Coxilha Negra remonta há 150 anos. Os mais velhos afirmam que as primeiras famílias que se estabeleceram eram famílias escravas de “Coronel Centeno”, ancestrais dos atuais moradores que carregam o sobrenome Centeno e ainda moram na comunidade.

“Já meu avô, Apolinário Santana, veio de Rivera no Uruguai juntamente com seus irmãos. Fugido da escravidão, chegou no lugar chamado Picada Sabão, perto daqui. Outro foi pra Canguçu e outro seguiu para

Pelotas”, contou José Horaci Santana. Ainda, devido à antiga presença de indígenas no local, a comunidade assume uma formação étnica dupla.

Por questão de sobrevivência, nos intervalos da prática da agricultura em suas propriedades, os moradores costumam trabalhar como diaristas e, em alguns casos, como empregados mensalistas nas propriedades das cercanias.

Das manifestações culturais, resta ainda o artesanato, balaies e cestos de cipó e bambu e o trançado de couro. O Terno de Reis se perdeu, assim como a formação de benzedeiros que ajudavam nos casos de doenças.



Piratini

4 comunidades: Fazenda da Cachoeira, Rincão do Quilombo, Faxina, Rincão do Couro

Comunidade Quilombola Rincão do Quilombo

Está localizada no 2º distrito do município de Piratini, congregando 60 famílias em 1.500 hectares.

LEMBRANÇAS DO TRONCO E DA SENZALA

De acordo com relatos dos moradores da comunidade, 1860 é o ano no qual ex-escravos negros começaram a chegar na área de 1.500 hectares, que pertencia à Fazenda Arvorezinha, originando o Rincão do Quilombo. As terras, doadas pelo fazendeiro João Cardoso para o escravo Manoel Cardoso, bisavô dos atuais moradores, existem até hoje.

Parte da história do Rincão do Quilombo está relatada em documentos arquivados na sede da Fazenda Arvorezinha. Os moradores contam ainda que na fazenda estão preservados o tronco, a senzala e as cercas de

pedra que ficavam na volta do cativeiro.

As 60 famílias vivem em lotes individuais, cada um medindo entre 1 a 2 hectares. As casas são construídas em alvenaria, materiais mistos e outros. O abastecimento de água se dá através de cacimbas.

A atividade produtiva passa pelo cultivo de milho, feijão e abóboras. Dos benefícios resultantes dos programas sociais do Governo Federal, alguns conseguem acessar o Bolsa Família. O grupo tem potencial para desenvolver atividades de artesanato com matérias primas diversas e com lã em particular.

Comunidade Quilombola Faxina

A comunidade quilombola da Faxina está localizada no Cerro Tomé, 5º distrito do município de Piratini. Cinco famílias moram em uma área de 2 hectares de terra.

NOIVAS DE BRANCO CORREM NA IMAGINAÇÃO

Histórias de mulas sem cabeça, lobisomens, noivas de branco e da aparição da Nossa Senhora correm entre os moradores da Faxina. São histórias ligadas ao folclore gaúcho e que foram incorporadas na cultura da comunidade.

Faxina é o nome de um arbusto muito comum na região, chamado de vassoura vermelha. Odália da Silva e Santo Dias estão entre os primeiros ocupantes desta área. De acordo com os depoimentos dos atuais moradores da comunidade, suas origens estão ligadas ao Rincão do Quilombo e Fazenda da Cachoeira: devido ao pouco espaço para o plantio, além de casamentos fora da comunidade, um grupo acabou se deslocando e formando uma nova povoação, denominada Faxina.

As casas são de alvenaria, madeira ou barro. A água é escassa e precisa ser buscada, com baldes, na cacimba do vizinho. Estão cobertas pela rede de distribuição de energia elétrica. A escola mais próxima, que tem até a 3ª série do Ensino Fundamental, fica a um quilômetro de distância.

Cada família vive em uma média de dois hectares. A produção é feita de maneira individual. Alguns saem de quando em quando para trabalhar fora. Para o autoconsumo são plantados milho, feijão, batata, abóbora e verduras, junto da criação de galinhas, porcos, ovelhas e vacas.

O ponto de encontro da comunidade é a casa de Dona Ivone. Ali ocorrem reuniões sociais e políticas que também identificam os principais problemas em uma escala de prioridades.



PEQUENAS HISTÓRIAS

Assombração procura terras perdidas

“OS NEGROS FORAM vindo que dava para viver aqui e foram chegando... e ficando né. Acabaram se tornando tudo parentes e trabalhando na terra juntos...”, lembrou

Maria Gessi Ferreira Ribeiro, do Quilombo da Picada. Os moradores, no entanto, não têm documentos de propriedade de 48 hectares. Eles afirmam que os documentos existiam e

que, deixados ao cuidado de outras pessoas, foram perdidos. “Assombração aparece, procurando as terras que perderam”, contam.

PEQUENAS HISTÓRIAS

Cachorro preto e pessoas sem cabeça

NO QUILOMBO da Mutuca existem dois locais que envolvem mistério: um é a Subida da Figueira, outro a Curva da Nilza: nestes pontos aparecem um cachorro preto, uma noiva de branco e pessoas

sem cabeça. Ainda, durante as madrugadas, se vê vultos jogando pife em volta de uma pedra com formato de mesa.

Já no Quilombo Vila Progresso, com frequência aparece uma luz de vela que

nasce numa picada e cruza toda a vila. Outras histórias se referem a lobisomem e assombração.

Comunidade Quilombola Rincão do Couro

A comunidade Rincão do Couro está localizada no 5º distrito do município de Piratini, composta por 18 famílias que ocupam um total de 130 hectares.

ALEGRIA AO SOM DE MÚSICA

A música é uma das características culturais mais fortes no Rincão do Couro. Serenatas com “bandona” e violão e danças gauchescas e o tango estão entre as atividades preferidas. O salão que abriga as festas também é utilizado para reuniões políticas e discussão de problemas pela associação de moradores.

No que se refere ao artesanato, conservam trançado de couro, trabalhos com palha, taquara e cipó.

A estimativa é que o Rincão do Couro tenha 200 anos de

existência. Seu nome originou-se de um antigo local distante 50 quilômetros dali – a casa do couro – cuja principal atividade produtiva era carnear o gado e beneficiar o couro.

A produção de hortaliças e grãos e a criação de animais são destinadas para o consumo próprio. O trabalho na terra acontece de forma individual (cada família), por arrendamento ou por meia (50% da produção vão para o dono da terra, como pagamento pelo seu uso). A busca por trabalho temporário fora contribui para o aumento da renda, que é extremamente baixa.



PEQUENAS HISTÓRIAS

Cacimbas de ouro e farrapos

OS ATUAIS MORADORES da Vó Elvira preservam muitos relatos dos tataravós e bisavós. Uma história contada na comunidade é sobre o tempo da Revolução Farroupilha, da presença de Zeca Neto e dos cuidados dispensados pelos negros aos cavalos deste soldado farrapo. Outra, relembra por João Francisco Fonseca de Mattos,

é a fuga dos quilombolas na revolução farroupilha, de quem escondiam os cavalos para evitar que fossem levados nas fugas.

Os mais velhos rememoram a existência de cacimbas de ouro enterradas pelos antepassados nos municípios de origem, principalmente em Canguçu. Além de casos de assombração, mulas sem cabeça e lobisomens,

outra história está muito viva na memória da comunidade: faz referência a sons de correntes em alguns dias e lugares específicos: são os antigos escravos que arrastam suas correntes, em meio a muita tristeza e desesperança.

São José do Norte

2 comunidades: Vila Nova e Bojuru

Comunidade Quilombola Vila Nova

O quilombo Vila Nova está situado em Capão do Meio, região central do município de São José do Norte, no 3º distrito. É composto por 20 famílias que ocupam uma extensão de 100 hectares de terra – em média, cada família ocupa cinco hectares.

DIFICULDADES NA DISTRIBUIÇÃO PARAM COOPERATIVA

Um coqueiro marcado, um tronco de figueira com argola e uma cozinha de tijolos feita pelos escravos servem como base para atestar o período de origem de Vila Nova, por volta do ano de 1880. As primeiras pessoas que chegaram à região são pertencentes à família Xavier, que receberam “as terras de cima”, menos férteis pela proximidade com o mar.

As casas são construídas com madeira, alvenaria ou barro e a água vem de poços. Poucas famílias têm energia elétrica. A escola fica a 12 quilômetros e tem até a 5ª série. A 6ª e 7ª séries são oferecidas em outra escola, mais distante. A média de escolaridade é a 7ª série.

A atividade produtiva se realiza pela troca de serviço, por meio de arrendamentos e meação. Os

principais produtos agrícolas incluem a batata doce, arroz, cebola – estes dois para venda –, abóbora, melão e nabos. Na produção animal existe a criação de galinhas, porcos, ovelhas, bois e vacas (para corte e produção leiteira), todos direcionados à venda.

Antes existia uma cooperativa que produzia compotas e conservas. Pelas dificuldades em escoar a produção, como estradas precárias, a atividade está parada. O artesanato é outra alternativa de arrecadação de renda.

O salão paroquial São Francisco de Paula é o espaço onde se reúnem os moradores para discutir sobre os desafios e problemas, dentre os quais moradia, serviços de saúde, acesso à telefonia e à escola. No âmbito agrário, são destacadas necessidades relativas à assistência técnica no plantio da cebola e ao acesso ao crédito fundiário, para o aumento da renda, que é extremamente baixa.



Pedras Altas

3 comunidades: Várzea dos Baianos, Solidão e Bolsa do Candiota

Comunidade Quilombola Várzea dos Baianos

Localizada no terceiro distrito do município de Pedras Altas (RS), a comunidade Várzea dos Baianos reúne 26 famílias, cada uma com 3,5 hectares de terra.



TANGO E MÚSICA GAÚCHA NA VIDA COMUNITÁRIA

A vinda de famílias de baianos, residentes no Uruguai, deu origem à Várzea dos Baianos que, segundo depoimentos, tem 150 anos de existência. Devido ao “esquecimento” e a perda da memória histórica, as falas colhidas entre os atuais moradores não esclarecem os motivos que levaram as famílias a sair do país vizinho.

Os quilombolas da Várzea dos Baianos vivem em casas de madeira e de alvenaria. O abastecimento de água depende de poços e não atende a todos. O mesmo acontece com o fornecimento de energia elétrica. A escola mais próxima fica a seis quilômetros da comunidade e

só oferece ensino até a 8ª série. Ao concluírem o ciclo escolar, os jovens tomam dois caminhos: voltam pra casa para ajudar os pais nas atividades agrícolas ou deixam a comunidade em busca de melhores condições de estudo e trabalho.

Cada família produz, individualmente na sua propriedade, milho, feijão, abóbora; criam galinhas e produzem leite e derivados. Com a falta de possibilidades de sobrevivência, muitos buscam trabalho fora de suas terras para garantir alguma renda.

Mesmo com todos os desafios, a alegria faz parte da vida dos quilombolas. As preferências são pela música tradicionalista gaúcha e pela dança do tango.

Comunidade Quilombola Solidão

Está localizada em Biboca, no 1º distrito do município de Pedras Altas (RS). É constituída de quatro famílias, que dividem uma área de aproximadamente 70 hectares.

PANDEIRO, VIOLÃO E GAITA NA SOLIDÃO

O nome Solidão se confunde com a mesma denominação de uma fazenda desta região. A estimativa é de que a comunidade tenha mais de 200 anos. Maria Jandira Correa Correa – que teria recebido em doação as 60 braças onde hoje é a fazenda Valparaíso – e João Martins Correa estão entre os primeiros moradores desta área. Documentos e fotos antigas que registravam a história da comunidade foram perdidos na enchente de 1992.

A presença de gaiteiros, pandeiristas e tocadores de violão caracterizam a cultura local. A presença do tango é muito viva. Quanto ao conhecimento

de trabalhos artesanais, este desapareceu.

A água que abastece as casas – feitas de madeira, alvenaria ou barro – vem de cacimbas e direto de um arroio; a luz elétrica não atende a todos e a escola fica distante 18 quilômetros.

A atividade produtiva é destinada principalmente para o consumo próprio. A comunidade produz feijão, milho, batata doce, couve, mostarda, alface, abóbora, cenoura, laranja, bergamota, pêssego, pêra e uva. A criação de animais inclui ovelhas, galinhas e porcos. No entanto, para aumentar a renda que é muito baixa, algumas pessoas da comunidade trabalham fora de tempos em tempos.



PEQUENAS HISTÓRIAS

A força do preconceito

OS CASOS de preconceito ocorridos logo após o fim da escravidão marcaram a história dos afrodescendentes. Negros e brancos não podiam dançar no mesmo espaço – por isso é que foram criados os bailes de ramada, organizado pelos negros velhos da localidade.

Muitos contam que a separação era tão forte que se o negro fosse mais escuro ou mais claro, também não dançava junto. “...muitos morenos não dançavam também, se fossem mais claros que os outros. E deus nos livre fazer os brancos fazerem uma festa na casa

deles e a gente aparecer.” Hoje já são comuns os casamentos interraciais.

Comunidade Quilombola Bolsa do Candiota

Um total de 33 famílias vive em 17 hectares no Candiota, quilombo localizado no distrito do Passo do Salso, no município de Candiota (RS). Perto fica a Usina Termelétrica de Candiota, movida a carvão mineral.

ÁGUA CONTAMINADA PÕE EM RISCO SAÚDE DOS MORADORES

O Quilombo do Candiota surgiu do processo de reforma agrária ocorrido em 2001, quando foram assentadas famílias de trabalhadores rurais na área denominada Companheiro João Antônio. As famílias afrodescendentes assentadas identificam sua terra como Quilombo do Candiota.

Das 33 famílias que vivem ali, 17 são remanescentes da Várzea dos Baianos, localizado no município vizinho de Pedras Altas. “Queremos voltar a nossa terra de origem”, afirmam. A vontade vem do fato de que a área ocupada no assentamento não é reconhecida legalmente como quilombo.

Para sua sobrevivência, cada família planta milho, feijão, abóbora, morango, melancia, melão, batata doce e hortaliças; cria galinhas, patos, porcos e vacas leiteiras. O leite é uma das fontes de renda: a comunidade possui um resfriador, permitindo que o produto seja entregue em uma cooperativa. A produção de leite somada, de todos, chega a mil litros a cada quatro dias.

A rede de energia elétrica se estende por toda área do assentamento. A escola de ensino fundamental e ensino médio fica a 12 quilômetros de distância. O abastecimento de água, no entanto, é problemático: de acordo com os moradores o açude que atende a comunidade está contaminado com alto percentual de resíduos de cinza de carvão, colocando em risco a saúde dos moradores.

Aceguá

2 comunidades: Tamanduá e Vila da Lata

Comunidade Quilombola Tamanduá

O quilombo fica no distrito de Minuano, em Aceguá (RS), onde moram 16 famílias. A maioria tem entre um a dois hectares; alguns têm de 25 a 30 hectares e uma família tem 50 hectares.

PRODUÇÃO NÃO SUSTENTA COMUNIDADE

O bicho tamanduá deu o nome ao quilombo, que nasceu de quatro quadras (cerca de 200 hectares) doadas a Antônio Maria Campos por sua madrinha branca e estancieira. “Meu avô Antônio era descendente de escravo fugido”, relata Valdomiro Soares Pereira. “Os primeiros a se estabelecer aqui foram os Campos e os Soares”, isso há 150 anos.

A comunidade sobrevive com a plantação de grãos, frutas e verduras. Também cria animais, como vacas de corte e de leite, ovelhas, porcos, marrecos, cabritos, perus e galinhas. No

entanto, a produção não dá conta da subsistência – assim, muitos precisam trabalhar como peões nas fazendas à volta.

Em termos de infraestrutura, se o abastecimento elétrico é um ponto positivo, as casas são um problema. Precárias, são feitas de barro, alvenaria e madeira. Outra dificuldade é o abastecimento de água.

Os quilombolas do Tamanduá preservaram todo um conjunto de atividades artesanais relacionadas ao trabalho com lã crua. A partir da iniciativa das artesãs foi fundada em novembro de 2008 a Associação Atalaia.

Problemas comuns

Os QUILOMBOLAS têm consciência de que, pelo fato de suas comunidades representarem um “lugar de negros”, ficaram por muito tempo abandonadas pelos órgãos públicos, sem nenhum acesso a benefícios públicos e a

programas sociais.

Os problemas identificados pela pesquisa são: falta de financiamentos para moradias; falta de atendimento à saúde; falta de incentivo à educação; abastecimento

precário de água e falta de equipamentos para irrigação; má qualidade das estradas impedindo o escoamento da produção; pouca terra é sempre identificado como o maior problema.



Comunidade Quilombola Vila da Lata

Localizada no município de Aceguá (RS), a comunidade da Vila da Lata é constituída por 17 famílias. O tamanho total da área é de 2 hectares.

ARMAZÉM DE LATA MARCAVA A LOCALIZAÇÃO DO QUILOMBO

Famílias fugidas do Uruguai podem ter dado origem ao quilombo há mais de 100 anos suspeitam os moradores locais. Na história contada pelos mais velhos também está a origem do sugestivo nome: uma “venda” – armazém – toda feita de lata, de propriedade de Ostáquio Fernandes Gros. “As primeiras famílias moravam nas terras do seu Ostáquio”, diz Basílio Silveira, que vive na comunidade. “Depois compraram os pedacinhos que estão hoje.”

Nos terrenos de seis metros de frente por 30 de fundos, ainda não regularizados, são plantados morango, milho, batata, melancia, abóbora, melão, laranja, pêssego, bergamota, couve, repolho, feijão. Também são criados animais como galinhas, gansos, porcos e, às vezes, algumas poucas ovelhas.

As vacas ficam no corredor da estrada, pois não há espaço nos terrenos.

Além do trabalho em seu pedacinho de terra, alguns quilombolas buscam sustento como trabalhadores fixos e mesmo como temporários ou diaristas nas estâncias vizinhas. Muitas famílias foram embora, alegando dificuldades de sobrevivência, pela falta de espaço físico, escola e falta de recursos básicos de atendimento na área da saúde e do transporte.

As casas na comunidade são de barreado com cobertura de santafé. Poucas são feitas de madeira e de tijolos. A água é de baixa qualidade, mas a luz chega a todas as casas. Havia uma escola na comunidade, fechada pela prefeitura com a alegação de que havia poucos alunos. Hoje, o prédio serve de ponto de encontro e discussões sobre as questões comuns a todos.

Santana da Boa Vista

1 comunidade: Tio Dô

Comunidade Quilombola Tio Dô

Localizada no 2º distrito de Santana da Boa Vista (RS) compreende uma área de 60 hectares, com um total de 40 famílias.

OS TERRENOS QUE NINGUÉM QUERIA

Uma homenagem a Adão José da Silva – o tio Dô –, nascido em 1870 e falecido em 1952 e o primeiro a se estabelecer no local, nominou o quilombo. A ocupação do espaço foi se dando aos poucos, na medida em que os negros da região iam sendo empurrados para fora das melhores terras, na várzea do rio Camaquã, subindo o Cerro da Picada e se alojando no meio das pedras, nos terrenos que ninguém queria.

As famílias descendentes de

escravos fugidos plantam, em lotes que variam de um a dois hectares, abóbora, batata doce, milho, feijão, morango e hortaliças e criam galinhas, patos, perus, porcos, poucas vacas, cabritos e ovelhas. Para complementar uma renda bastante limitada, alguns trabalham como empregados em outras propriedades.

As casas são construídas com madeira, alvenaria ou barro. O abastecimento de água se dá através de poços e cacimbas. A rede elétrica atende toda comunidade. A escola mais próxima fica a cerca de oito quilômetros.



Meação

PELA FALTA de terra, muitos quilombolas plantam em áreas de terceiros. A forma de pagamento pelo uso é feita com uma parte da produção, através do que se chama “meação” ou

“terça”.

A expressão de “meio” ou “meação” é usada quando a produção da lavoura é dividida ao meio – metade de quem

plantou e metade de quem alugou a terra. Significa 50% da produção! “Terça” é a expressão que se refere à terça parte da produção paga ao dono da terra.

Morro Redondo

1 comunidade: Vó Ernestina

Comunidade Quilombola Vó Ernestina

A comunidade é composta por 20 famílias que vivem em 20 hectares de terra, na colônia Reserva, no município de Morro Redondo (RS).



QUILOMBO MISTURA O URBANO COM O RURAL

O nome dado a esta comunidade localizada na colônia Reserva homenageia Dona Ernestina, que em 2009 completou 105 anos de idade. Sua família foi uma das primeiras a chegar ao local. O pai de dona Ernestina era chamado de José Tamanqueiro, pois fazia tamancos – calçado utilizado com muita frequência na localidade.

Em Vó Ernestina, as casas são feitas de madeira ou alvenaria. Todas têm energia elétrica e são

abastecidas com água que vem de cacimbas. A escola fica perto do quilombo.

A maioria das famílias vive em terrenos urbanos. A renda familiar é obtida através da venda da força de trabalho. Aquelas famílias que vivem no meio rural têm pedaços de terra que variam de dois a três hectares. Uma única exceção é uma propriedade com 18 hectares.

As famílias agricultoras sobrevivem do cultivo do milho e feijão e da criação de gado – em pouquíssimo número. A produção de leite ajuda na renda familiar.

Cristal

1 comunidade: Serra do Cristal

Comunidade Quilombola Serra do Cristal

Serra do Cristal/Alto Alegre está localizada no 4º distrito do município de Cristal (RS), composta por 85 famílias que dividem um espaço de 400 hectares.

AÇÃO COLETIVA FAZ PARTE DA HISTÓRIA

A existência do Quilombo Serra do Cristal remete a origem da comunidade quilombola Cerro das Velhas, que fica no interior de Canguçu.

“...todos na verdade era meio parentes, até hoje com o morenos velhos lá do cerro das velhinhas a gente se considera parente. Temos primas que moram ali, temos parentes como tios, primos por parte de mãe ou de pai”, conta dona Maria Nívea.

A produção de mandioca, feijão, milho, batata doce, batata inglesa e abóbora serve para consumo próprio. Alguns plantam fumo e criam animais. Um número expressivo trabalha como

empregado nas fazendas à volta. As casas recebem água de uma cacimba e apenas cinco famílias ainda não possuem energia elétrica.

O nível de escolaridade entre os adultos é baixo: a maioria estudou até a 6ª série do ensino fundamental. As crianças e adolescentes frequentam regularmente a escola, que está localizada longe do quilombo.

O que predomina nos depoimentos da comunidade são os vários episódios sobre ações coletivas na agricultura e na criação de animais. As festas religiosas, os casamentos, os bailes de ramada também aconteciam em conjunto. Ao longo do tempo, o trabalho tornou-se mais individual, fazendo desaparecer a marca do “mutirão”.



PEQUENAS HISTÓRIAS

“Quando a gente não se mandava – os outros mandava na gente!”

ALGUNS antepassados se revelaram grandes guerreiros – mas a falta de liberdade desses soldados negros sempre doeu:

“Na Revolução da Degola, as

peessoa ‘não se mandavam’ né! Viviam tipo animal no mato com medo dos guerreiros! Os guerreiros vinham e levavam. As pessoa ‘não se mandavam’ nesta época...os outros

mandavam e escravo tinha que fazer!”

PEQUENAS HISTÓRIAS

OS MORADORES do Quilombo da Serra do Cristal lembram com clareza da figura de Antônio Mateus, um dos

negros antigos da comunidade que chegou a alcançar o posto de major. Conforme está na lápide do seu túmulo, ele

participou de muitas revoltas. Pela sua valentia, recebeu o apelido de Mateus Faca Braba.

Mateus Faca Braba

Turuçu

1 comunidade: Mutuca

Comunidade Quilombola Mutuca

Mutuca está localizado na colônia São José, no município de Turuçu (RS). Na área de 150 hectares vivem 25 famílias.



PALAVRA DE HONRA VALE?

A presença terrível das mutucas no verão deu o nome ao quilombo. Localizado no interior de Turuçu e criado a partir do desmembramento de Pelotas, foi dividido em dois – alguns familiares continuaram no município de Pelotas.

As terras, que iam de São Domingos até a Feitoria, foram doadas aos escravos com base na promessa – “dou minha palavra” –, mas sem nenhum registro legal. A comunidade relata que em uma propriedade das cercanias ainda existe uma construção que teria sido utilizada como senzala.

As casas são abastecidas por água de cacimba e de luz elétrica. A escolaridade fica entre a 4ª e 5ª série fundamental. A escola mais próxima da comunidade está situada a quatro quilômetros.

As atividades produtivas, realizadas de maneira individual, incluem a produção de fumo, batata doce, cebola, morango, feijão, milho, batata, beterraba, amendoim, abóbora, aipim, pepino, pimenta. Também são criadas galinhas, porcos, ovelhas, e coelhos. Algumas famílias possuem vacas e cavalos. Para ter uma mínima renda familiar, muitos moradores trabalham fora como diaristas em grandes fazendas.

PEQUENAS HISTÓRIAS

“...AGORA não tem mais, mas eu me lembro que tinha as cercas e diziam que elas eram feitas pelos escravos, carregadas por eles né! Que foram feitas no tempo da guerra pra fazer esconderijo, assim, no tempo da guerra né!(...) e para mostrar o tamanho das terras dos donos.

Cerca de arame é coisa de rico
Meu pai não alcançou este tempo de carregar pedra, mas o pai dele com certeza carregava pedra.”

Mesmo tendo construído extensas cercas de pedras para grandes fazendeiros, os quilombos não têm o uso de separar seus terrenos – é uma

questão de ser bom vizinho e de exercer a comunhão entre famílias.

Já as fazendas mantiveram suas cercas, agora de arame. “Arame é caro, é coisa de rico”, dizem os quilombolas. “Servem para guardar um sem fim de terra e os donos grandes.”

Jaguarão

1 comunidade: Madeira

Comunidade Quilombola Madeira

Está localizada em Cerrito, na 3ª zona do município de Jaguarão (RS), integrando diferentes núcleos onde vivem 60 famílias em 40 hectares. Cada família tem de cinco a 10 hectares.

FESTA TEM MILONGA E CHAMAMÉ

Estima-se que Vila Madeira tenha cerca de 200 anos. “Meu vô nasceu na África e foi vendido como escravo no Brasil”, conta Antonio Lima de Faria. “Também lembro que meu pai lutou em uma guerra, mas não me lembro qual”, diz. A comunidade, que fica na divisa com o Uruguai, teve sua origem marcada pela presença de negros vindos do país vizinho do Rio Grande do Sul.

O surgimento do quilombo pode ser comprovado pela sua proximidade com acidentes geográficos característicos de concentrações de escravos fugidos, como o Cerro dos Mulatinhos.

As moradias são de madeira ou alvenaria, tem energia elétrica e a água vem de poços. A escola está localizada a 200 metros do ponto central do quilombo.

A produção, para autoconsumo, troca por produtos ou venda, inclui milho, batata doce, feijão, abóbora, hortaliças e algumas frutas. São criadas ovelhas, porcos e galinhas. A renda é suplementada por empregos permanentes, fora do quilombo.

Gaiteiros tocam em bailes de rancho e em serenatas. Nas festas, o tango, a valsa, a milonga e o chamamé são as danças preferidas. Os quilombolas ainda dominam as técnicas de artesanato – outra expressão cultural, com produtos feitos de couro – maneadores, bocais e relhos –, e de lã – cobertores e chergões. Apenas uma família segue trabalhando com vime.

A igreja é o ponto de encontro para as reuniões comunitárias, quando são discutidos quais os problemas prioritários da comunidade e o que fazer para resolvê-los.



ENTRE OS COSTUMES que caracterizam o quilombo Vila Nova cabe destacar as comemorações em homenagem a Nossa Senhora do Rosário,

existentes apenas na região. Na mesma época do ano, é realizado o Terno Junino para festejar Santo Antônio, São João e São Pedro. A festa é

Santos festejados

muito semelhante a do Divino Espírito Santo, de origem açoriana.

Arroio do Padre

1 comunidade: Vila Progresso

Comunidade Quilombola Vila Progresso

A comunidade localiza-se no interior do município do Arroio do Padre, na localidade denominada Rincão do Progresso. Reúne 14 famílias de em média 3 pessoas.

ESTA COMUNIDADE de fé luterana ocupa 1,75 hectares que é usado de forma coletiva, mas cada um é responsável pelo seu espaço para produzir. Desta atividade produtiva resultam, para o autoconsumo e comercialização, a colheita do chuchu, espinafre, feijão de vagem, melancia, pepino, abóbora, beterraba, repolho, rabanete, tomate, temperos e também a criação de porcos, cabritos, vacas e galinhas. Algumas famílias acessam o programa Bolsa Família, para complementar sua renda.

As casas da comunidade são construídas de madeira ou alvenaria e o abastecimento de água ocorre através de cacimbas. A rede elétrica serve a todas as casas. A escolaridade média deste grupo é a sétima série. Existe uma escola a 6 quilômetros de

distância da comunidade.

No que se refere aos aspectos culturais, o terno de reis, apesar de não se realizar de modo efetivo desde 1999, mesmo assim, continua presente nos costumes desta comunidade, onde existem pessoas que cantam e sabem tocar instrumentos, como o violão, o pandeiro e gaita de boca. No âmbito religioso os moradores seguem a fé luterana. Artesanalmente é produzido croché, tricô, relho de couro cru, flores, balaios de cipó e taquara.

Conforme o folclore local acompanha a trajetória deste grupo uma estória que fala sobre uma luz que parece uma vela que nasce em uma picada e cruza por toda vila, ocorrendo com certa frequência.



Cerrito

1 comunidade: Lichiguana

Comunidade Quilombola Lichiguana

A comunidade localiza-se na estrada da igreja, em Queimada, 3º distrito do município de Cerrito (RS). Reúne 19 famílias que vivem em 48 hectares.

ABELHA VALENTE QUE DEFENDE A COLMÉIA

A denominação Lichiguana deve-se à forma como eram chamados os negros no passado. O nome identifica uma espécie de abelha ou marimbondo que produz um mel muito doce e, dotada de ferrão, defende com bravura sua colméia.

A comunidade existe há cerca de 300 anos. Os relatos falam do tempo da escravidão, quando os negros não podiam entrar na casa grande. Os mais antigos lembram das cercas de pedra e do tamanho imenso das fazendas – do Alto Alegre até Pedro Osório, um mundão de terra pertencia a um só dono.

As casas da comunidade são construídas de alvenaria, abastecidas por água de cacimba, e são atendidas na sua totalidade por energia elétrica. O ensino

fundamental é oferecido em uma escola na igreja da Queimada, a seis quilômetros de distância. A maioria dos adultos é analfabeta ou cursou somente até a 5ª série.

A produção de alimentos serve para consumo próprio e para a venda. Além do feijão, milho, batata doce, amendoim, hortaliças, mandioca, abóbora, a comunidade produz mel. Cada família tem galinhas, porcos e ovelhas. Trabalhos temporários, fora da comunidade, ajudam na sobrevivência.

Músicas de carnaval e bailes de ramada estão na preferência dos moradores. Antigamente, a música era composta pelos quilombolas, mas isso já não acontece. No que se refere ao artesanato, ainda hoje são confeccionadas gamelas, pilões e baldes –, de madeira e de pedra –, tricô, crochê e chapéus de palha de trigo.



PEQUENAS HISTÓRIAS

Manoel Padeiro é o Zumbi do Sul

MANOEL PADEIRO, líder do movimento de resistência dos negros fugidos das charqueadas e formador dos principais quilombos da

região, é lembrado em muitas comunidades quilombolas. Na região sul, seu nome é tão importante quanto Zumbi de Palmares. “Falta colocar

sua referência na história da libertação dos escravos”, afirmam muitos.



Protagonismo e cidadania nos quilombos no sul



*Protagonismo e cidadania
no IV Encontro Regional das
Comunidades Quilombolas*

A CONSTRUÇÃO COLETIVA e ocupação de espaços democráticos e participativos de debate e definição dos rumos do desenvolvimento regional e das políticas de melhoria de qualidade de vida, tem sido uma prioridade das comunidades quilombolas. Neste sentido desde 2007 participam da direção do Colegiado Territorial e do Fórum Regional da Agricultura Familiar, à partir de 2008 fazem parte do Núcleo Dirigente do Território da Cidadania Zonal Sul do RS e criam a setorial quilombola do território priorizando as ações deste programa federal para estas comunidades. Em 2010 recebem um conjunto significativo de 25 certidões de autodefinição. À partir deste processo de reconhecimento público, se dá de forma expressiva o acesso a um conjunto de programas sociais previstos na “Agenda Social do Programa Brasil Quilombola”. É também em 2010, numa promoção conjunta da setorial quilombola e CAPA, que realizam o IV Encontro Regional das Comunidades Quilombolas, onde 800 participantes, representando mais de 30 comunidades de 16 municípios, se reúnem para celebrar suas conquistas e definir os rumos e próximos passos desta organização.



*Protagonismo e cidadania no
IV Encontro Regional das
Comunidades Quilombolas*



*Protagonismo e cidadania no
IV Encontro Regional das
Comunidades Quilombolas*

Valorização da memória oral: as “memórias selvagens”

*REINALDO MARTINIANO MARQUES É COORDENADOR DO GRUPO DE PESQUISA “A GESTAÇÃO DA MEMÓRIA, DA LITERATURA, DA CRÍTICA NO EXÍLIO E OUTRAS INTERLOCUÇÕES LATINO-AMERICANAS” E MEMBRO DO GRUPO DE ESTUDOS SOBRE “TEORIAS CRÍTICAS DE LITERATURA COMPARADA NA AMÉRICA LATINA”.

Fonte: Deutsche Welle (www.dw-world.de) | Autora: Soraia Vilela | Revisão: Roselaine Wandscheer

Parte da memória dos países latino-americanos foi relegada a pé de página

Processo de construção das identidades nacionais na América Latina se deu através do extermínio violento das memórias de “grupos subalternos”, aponta Reinaldo Martiniano Marques*, professor da UFMG.

DW: Quanto à memória dos países latino-americanos: pensamos como os europeus ou nos negamos com frequência a registrar nossa história? Herdamos o ato de delegar importância aos arquivos ou, ao contrário, nos negamos a fazer isso?

Reinaldo Marques: É importante perceber como a memória é importante para a construção das identidades nacionais. O processo de construção das nações modernas na América Latina, por exemplo, implicou um remanejamento muito contundente e violento das memórias da nação. Algumas memórias foram privilegiadas, normalmente aquelas dos grupos hegemônicos, das classes dominantes.

Elas foram privilegiadas como “as memórias da nação”, em detrimento da memória de outros grupos como negros, índios etc., que foram subalternizados ou colocadas no pé de página. Ou não entraram nos arquivos. Ou seja, os registros dessas memórias de tradições orais não vão aparecer no arquivo da nação porque a memória oficial privilegiou primeiro uma cultura letrada, em detrimento das culturas ágrafas, orais etc.

Há uma violência muito grande na construção das identidades nacionais. A fundação dessas nações modernas se deu com base numa violência não só física, mas sobretudo numa violência simbólica muito grande porque ela





implica privilegiar algumas memórias em detrimento de outras.

A literatura, por exemplo, era vista como “a” cultura letrada. Uma parte da cultura, que passou a representar o todo. Por aí você pode pensar, por exemplo, na importância dos romances de fundação nacional na América Latina, que cumprem um papel importante no sentido de encenar os conflitos, as contradições da nação e propor soluções imaginárias. Muitos deles contam uma história de amor, por exemplo, mas muitos deles têm a ver com a história da nação.

Esses romances entram no arquivo literário do país em detrimento de narrativas orais e de culturas ágrafas dos índios e dos negros, que não são contempladas no arquivo letrado e que vão merecer o pé de páginas, quando muito, da história literária da nação.

O esquecimento existe para omitir a violência que há na construção de uma identidade nacional. Para omitir essa situação de sutura de formação de uma sociedade heterogênea, diferente, com interesses conflitantes, que é transformada numa coisa homogênea.

Quando a seleção brasileira entra em campo, de mãos dadas, para se dar essas mãos entre brancos e negros, ricos e pobres, a gente tem que esquecer um processo histórico que foi extremamente segregacionista, violento e que destruiu muitas culturas e povos.

Hoje “esses saberes subalternos” ou “memórias selvagens”, como você define, estão sendo mais contemplados?

Com a eclosão do discurso das minorias, que começaram a se fazer presentes na cena pública, os desejos e as aspirações das minorias começaram a rasurar esse tempo homogêneo e vazio da nação pedagógica, que a literatura, de alguma maneira, articulou no século XIX.

Hoje, podemos perceber no Brasil como a organização das minorias de negros, índios, homossexuais etc. através de diferentes grupos de representação, que buscaram ocupar espaços na cena pública através da política ou das ONGs etc. faz com que o pacto da nação seja diferente. A nação está tendo que lidar com as aspirações e desejos desses grupos subalternos, que tradicionalmente foram marginalizados e não foram ouvidos, cujas memórias não foram contempladas na memória da nação.

Muitos intelectuais latino-americanos pensam na necessidade de refundar o Estado-nação na América Latina, contemplando nessa refundação as memórias dessas minorias subalternas, que foram esquecidas quando se deu esse processo de formação dos Estados-nação com os processos de independência. Teríamos que refundar as nações latino-americanas, contemplando essas memórias que foram obliteradas, esquecidas, violentadas.

Numa suposta refundação simbólica desses Estados-nação, haveria maiores semelhanças entre todos os países latino-americanos, inclusive o Brasil? Ou o Brasil difere basicamente em sua história dos países de língua espanhola?

Hoje, com a globalização e a organização das nações em grupos e blocos, para poder fazer face às demandas do mundo globalizado, no enfrentamento dos tratados comerciais e do jogo político etc., você tem forças que vão procurar forças e articulações valorizando elementos de semelhanças e de culturas e visões comuns entre os países. As culturas de fronteiras, por exemplo, são valorizadas nesse tipo de perspectiva e de discurso.

Por outro lado, esse mesmo movimento que tende para o vetor da homogeneização, a gente percebe dentro dele movimentos no sentido de afirmar as

diferenças e heterogeneidades da região, que considero também importante.

No caso do Mercosul, vemos por exemplo movimentos que tentam unir as universidades da região, como o Grupo de Montevideu, em projetos comuns. Isso sem falar no plano econômico. Por outro lado, não podemos perder de vista que, culturalmente, a riqueza está na diferença. É a diferença que possibilita o enriquecimento de uma nação com a outra.

Em relação à independência, o Brasil se perpetuou como monarquia. Isso difere o país dos vizinhos latino-americanos?

No contexto do início do século 19, você tem as nações hispano-americanas, que vão se tornar repúblicas e que vão se fragmentando em nações, enquanto o Brasil, com dimensões continentais, se mantém como monarquia, preservando em muitos elementos uma visão colonial de mundo. Não há uma ruptura como se percebe no processo da América Hispânica.

No Brasil, a independência não significou efetivamente uma ruptura com a metrópole. Você tinha um aparato de Estado funcionando no Brasil, mas não tinha uma consciência de nação. Isso difere de outros contextos como o dos palestinos hoje, por exemplo, que se sentem uma nação, mas não têm um Estado que represente essa nação e lutam por isso.

O Brasil, com a transferência da Corte, funcionava com todos os aparatos: câmaras, Legislativo, mas por ser um país tão diversificado faltava a consciência de nação, a identidade nacional. E a construção dessa identidade nacional no Brasil vai ser uma ação promovida pelo Estado.

A idéia de povo não é bem vista, é um povo miscigenado, não visto com bons olhos pelas elites intelectuais. Somente na era Vargas [Getúlio Vargas 1930-1945] é que entra a idéia do popular como um elemento forte. O popular passa a ser valorizado. Aí você tem interpretações clássicas do Brasil como a de Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala, valorizando entre outros o negro na construção dessa identidade nacional.

Mas é uma visão paternalista, que diz que o povo deve ser mais ou menos dirigido, guiado, porque ele não é capaz de andar com as próprias pernas. Essa visão paternalista- autoritária perdurou durante o regime Vargas e se perpetuou até o regime militar. Talvez hoje a gente esteja pela primeira vez em busca de uma identidade que valorize o popular sem cair nesse viés paternalista.



ESTA PUBLICAÇÃO FOI COMPILADA EM MAIO DE 2010 E IMPRESSA EM OFFSET SOBRE PAPEL RECICLADO NA GRÁFICA SERRIARTE, EM PELOTAS - RS. AS FONTES UTILIZADAS FORAM A DIDOT E A SAVON. TODO O MATERIAL AQUI CONTIDO É DE PROPRIEDADE DE SEUS RESPECTIVOS AUTORES E PODE SER PUBLICADO, DESDE QUE CITADAS AS FONTES.



Secretaria do
Desenvolvimento Territorial
Ministério do
Desenvolvimento Agrário

